

A ESQUERDA LATINO-AMERICANA: RESSURGIMENTO OU RECONSTRUÇÃO DE UM PARADIGMA PERDIDO?¹

Gills Lopes Macêdo Souza² (UEPB) gills@gills.com.br
Joseildo Lima da Silva³ (UEPB) joseildo.lima@hotmail.de

Para o imperialismo é muito difícil competir com a
ânsia dos povos pela libertação.

Che, mensagem ao povo cubano, 1959⁴

Eles têm a força. Podem nos subjugar, mas não se
detêm os processos sociais nem com os crimes,
nem com a força. A história é nossa. Ela é feita
pelos povos.

Allende, mensagem ao povo chileno, 1973.⁵

Resumo

Buscamos demonstrar que os vários períodos de intervenção estrangeira (sobretudo norte-americana) nas políticas interna e externa dos países latino-americanos implicaram numa dispersão de sua esquerda. E que, no limiar do século XXI, novos atores latino-americanos surgem nas relações internacionais e trazem consigo um ideal integracionista como pressuposto de independência e consolidação político-econômica do continente. Seriam os meios que fizeram e fazem os países ditos *de esquerda* se unir e se fortalecer no Cone Sul – Bolívarismo, Unasul, Banco do Sul, Conselho de Defesa sul-americano, Telesur etc. – uma tentativa de renascer uma esquerda há muito perdida ou seria a construção de uma nova esquerda? Tentamos responder essa indagação analisando fatos políticos, sociais e econômicos ao longo dos últimos anos.

¹ Texto elaborado para o I SEPESPRI (Seminário Paraibano de Estudos e Pesquisas em Relações Internacionais) e apresentado na Comunicação Coordenada “Política Externa e Política Internacional”, nov. 2008.

² Graduando dos cursos de Relações Internacionais (UEPB) e de Redes de Computadores (CEFET-PB).

³ Graduando dos cursos de Relações Internacionais (UEPB) e de Ciências Econômicas (UEPB).

⁴ MASSARI, 1996.

⁵ LOACH, 2004.

Palavras-chave: América Latina. Esquerda. Relações Internacionais. Política externa. Populismo. Capitalismo. Neoliberalismo. Revolução. Integração regional.

Introdução

O presente texto vem à tona num momento especial para a América Latina. Num momento em que, através da integração de fronteiras, taxas e esperanças, os países – historicamente sempre à margem da sociedade internacional – se unem por uma soberania própria e políticas interna e externa independentes. Tal construção histórica só é válida a partir do momento em que os principais atores se revelam: *direita e esquerda*, e a partir do momento em que revelam seus projetos – não necessariamente nesta ordem. A *esquerda* aqui abordada é mais do que uma simples direção a guiar políticas; ela busca dar à América Latina um traje típico e interior, não-importado. No limiar da discussão pós-moderna sobre o papel e a filosofia da *esquerda* e das *esquerdas*, é inevitável que questionemos *o que é a esquerda* e, mais precisamente, *o que é* e qual sua roupagem na América Latina. Seria ela uma colcha de retalhos na qual cada país-membro põe um pedaço de tecido ou seria um vestido de longa duração que insiste em ser remendado ao longo dos tempos por mãos oriundas deste e de outros continentes?

Ponto interessante desta discussão é o acompanhamento das ações *esquerdistas* no continente, que, ao mesmo tempo, ocorriam em diversos países, muitas vezes se confundiam com um mesmo objetivo. Entender o papel de figuras como Simon Bolívar, José de San Martín, Che Guevara, dentre outros na manutenção ideológica da política latino-americana – em suas épocas – ajuda a entender também algumas atitudes de determinados governos de *esquerda* que emulam esses nomes entre uma assinatura de acordo bi ou multilateral e uma Conferência de Cúpula onde estão em jogo bilhões e bilhões de dólares.

Este trabalho pretende não esmiuçar todas as biografias dos personagens e todos os fatos aqui mencionados para não estender ainda mais seu escopo. Todavia, alguns mereceram maior atenção do que outros por que, de uma maneira ou de outra, ajudaram a conduzir o caminho da América Latina na situação em que ela se encontra hoje.

Na primeira parte, o entendimento essencial do que é a *esquerda* se torna imprescindível para esvair o alto grau de abstração que esta palavra envolve. À segunda parte foram adicionados contexto e evolução histórica da atuação esquerdista na América Latina:

como pessoas normais se tornaram mitos e como esses mitos influenciaram e influenciam, hoje, a vida de milhões de pessoas normais. Nesta parte, fica evidente a intervenção de países estrangeiros – sobretudo dos EUA⁶ – na formulação das políticas interna e externa dos países latino-americanos. Fator este condicionante para um breve período de saída de cena política da *esquerda* na maioria dos países do continente aqui estudado. No quarto ponto, o presente trabalho faz uma avaliação crítica da evolução e atuação esquerdista na América Latina, propondo uma análise sobre os principais fatos e aspectos políticos, sociais e econômicos que têm marcado este novo século. E na última parte, enfim, respondemos à indagação-mor deste.

Como metodologia, a pesquisa foi baseada em diversas fontes e mídias: livros, revistas, filmes, documentários e sítios da *Internet*. Ao final deste trabalho, o leitor perceberá que beber de várias fontes bibliográficas – sobretudo daquelas menos divulgadas pela grande mídia – propicia uma análise mais crítica de qualquer assunto que seja; neste caso: na compreensão da situação latino-americana atual e como ela se insere nas relações internacionais.

1. Entendendo a *esquerda*

O sítio *Wikipedia* traz uma interessante e curta história acerca do surgimento da palavra *esquerda*, no vocabulário político:

"Esquerda", (...) opõe-se à "direita". O nome (...) surgiu com este significado na França devido ao fato de, nos Estados Gerais franceses reunidos em 1789, o Terceiro Estado (...) toma os lugares à esquerda do rei, em virtude de os da sua direita já se acharem ocupados pelos representantes do clero e da nobreza".⁷

O economista Luiz Carlos Bresser-Pereira, por sua vez, define o esquerdista político assim: "é de esquerda quem está disposto a arriscar a ordem em nome da justiça"⁸.

Para o sociólogo Demétrio Magnoli, em entrevista ao periódico *de direita* VEJA, explica que os conceitos de direita e esquerda não foram ainda ultrapassados e que tal

⁶ Estados Unidos da América. Algumas vezes utilizaremos também a expressão *ianque* no sentido denotativo para expressar ações e/ou pessoas oriundas daquele país.

⁷ Wikipedia. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Esquerda_pol%C3%ADtica; Acesso em: 08 nov. 2008.

⁸ Bresser-Pereira *apud* Lima.

afirmação só é possível se levarmos em conta o sistema democrático. Para ele, a direita está associada às liberdades: de expressão, organização, econômica e de pluralidade de opiniões. Já à esquerda se associa aos conceitos de igualdade, sobretudo a de “restringir um pouco a liberdade econômica para que as desigualdades não cresçam muito”⁹.

Em relação aos movimentos ditos de Esquerda, faz-se mister elaborar primeiramente um quadro teórico, pois só a partir dele poderemos relacionar devidamente como se definem certos traços ideológicos.

Dessa forma, diremos que existem basicamente três tipos ideológicos de Esquerda, a saber:

- a) Anarquismo: projeto ideológico que prega o fim do Estado;
- b) Marxismo: doutrina que compõe, em seu escopo, ideais de cunho econômico, filosófico e político, que prevê o fim do sistema capitalista através de suas próprias contradições e, conseqüentemente, o surgimento de um novo sistema: o comunista, o qual seria iniciado pelo proletários conscientes de seu papel dentro da luta de classes; e
- c) Socialismo: sistema político que refuta a propriedade privada como grande causadora dos males sociais, cuja única solução para acabar com esses males seria a distribuição equitativa dos meios de produção.

2. Breve evolução histórica da esquerda na América Latina

Após compreender os vários aspectos que envolvem o conceito de *esquerda*, torna-se interessante identificar os principais fatores e idiosincrasias que levaram a *esquerda* a figurar no imaginário popular e se materializar na postura de diversos governos da América Latina hoje.

Como supracitado, o caráter limitador deste artigo – responder se a esquerda latino-americana de hoje é um ressurgimento ou reconstrução de um paradigma perdido – não abarca todas as questões e miudezas que o assunto-mor aqui trata. Todavia, pretendemos, *a priori*, informar para, em seguida, formar uma opinião. Essa informação em questão remonta a diversos aspectos que, por sua vez, lançam raízes em tantos outros aspectos que, se tentados compreendê-los e explicá-los em sua totalidade, aqui, tornar-se-ia impossível de fazê-lo.

⁹ Veja, 2008.

Resta-nos, então, sangrar *as veias abertas da América Latina*¹⁰ e, através das informações coletadas nas células que as compõem, tentar traçar um gene básico que associe os governos de *esquerda* de hoje com alguns movimentos revolucionários de outrora.

Como é de se esperar, a História é capaz de apontar o caminho que levou a América Latina ao que é hoje. A *esquerda* se situa como um motor histórico que – impulsionado pela fé e pela razão, pela cobiça e pelo mutualismo – travou e trava batalhas nos diversos campos da infra-estrutura e da superestrutura que dizem o que é e o que não é a América Latina.

Compreender o passado latino-americano se torna tão imprescindível para compreender as ações políticas atuais e futuras que não temos outra solução senão fazê-lo. Mas o que seria a América Latina sem o caráter particular e historicamente construído de cada nação que a compõe? No caso latino-americano – e de outras regiões subjugadas pelo imperialismo –, por muitas vezes a ação de *sua esquerda* e de seus movimentos revolucionários (entendidos como não-alinhados ao governo) foi limitada por questões externas, fazendo com que o povo não pudesse se organizar e reivindicar o que era por direito seu ou, então, massacrado quando o faziam.

Logo, não há outra alternativa senão lembrar alguns episódios.

2.1. Embrião *esquerdista* na América Latina

É praticamente impossível datar com precisão quando, onde e como a *esquerda* e os movimentos que a influenciaram nasceram. Como dito, a *esquerda*, do ponto de vista político, pode tomar várias acepções, dependendo do local em que foi cunhada e/ou incorporada. Na América Latina não é diferente. Porém, pelo menos um aspecto é comum a todos: a insatisfação da maioria (ou de várias minorias) ante um problema que lhes cause perdas de direitos inalienáveis – no caso de regiões *rudimentares*¹¹ – e econômicas – característico de sociedades estratificadas¹².

Para este artigo, propomos o simbólico ano de 1826, que foi quando ocorreu o *Congresso do Panamá*. Porém, vários outros movimentos revolucionários ocorreram na

¹⁰ Alusão à obra homônima do escritor uruguaio Eduardo Galeano. Para mais detalhes, vide *Referências Bibliográficas*, ao final.

¹¹ Rudimentar do ponto de vista do desenvolvimento do capitalismo e, concomitantemente, do mercado. Por exemplo – e apesar de ser uma visão etnocêntrica –: à época do Renascimento e das descobertas do Novo Mundo, os habitantes originais, cujas riquezas naturais começaram a ser extraídas sem nenhum consentimento, estariam mais propensas a reivindicar a não-intervenção estrangeira nas terras do que reivindicar partes no lucro das extrações.

¹² Para mais detalhes acerca de estratificação social, vide NANDA e WARM (2004, cap. 13).

América Latina, sobretudo no Brasil, antes dessa data e onde o principal foco era o modelo político e dependente *tipo exportação* que vinha da Europa. No Brasil, os diversos movimentos que se situavam contra o governo centralizador não possuíam uma identificação que os unia, a não ser, lógico, o caráter reivindicatório e deveras exacerbado. Por isso é certo quando autores se referem a esses movimentos como independentes.

Retornando ao Congresso do Panamá, o mesmo também não pode ser considerado de esquerda propriamente dita, uma vez que não constituía uma ala que rivalizava com um governo interno, ou seja, como não havia uma *direita*, ficava impossível identificar uma *esquerda*. A importância desse evento para alguns governos e movimentos de esquerda deste e do século anterior é que seu mentor, Simon Bolívar, e seus ideais revolucionários integracionistas serviram de base para seus projetos políticos.

Outrossim, é importante salientar, além do contexto histórico, o contexto ideológico que começava a inundar nosso continente: o americanismo. Havia duas correntes¹³, o *monroísmo* e o *bolivarismo*. Ambas tinham um aspecto em comum: o fato de que o modelo europeu era ultrapassado e só lhes trazia malefícios. Porém, se diferenciavam quanto à questão conceptual: enquanto a Doutrina Monroe propunha uma não-intervenção europeia nos assuntos norte-americanos e vice-versa (*a América para os americanos*), a ideologia de Bolívar era a de que somente através da integração, com a criação da Grã-Colômbia, os países latino-americanos estariam a salvo das tramóias europeias.

O que faz desse evento ser considerado, aqui, um marco natalino para (e não *da*) esquerda latino-americana é o fato de que países historicamente condicionados a políticas intervencionistas começaram a questionar o *status quo* de dominação, condição *sine qua non* para o atraso e dependência regional. Ademais, Bolívar tinha um plano político consistente: criação de um ordenamento jurídico supranacional que unificasse a conduta externa e garantisse o entendimento das nações americanas (BUENO e CERVO, 1992, p. 37-38).

Todavia, o congresso malogrou, uma vez que sem a presença de importantes países como EUA, Brasil e Argentina era impossível se chegar a um consenso americano. A Argentina, que à época tinha coisas mais importantes a tratar como a questão do Prata, possuía seu projeto da Grã-Argentina, o qual era totalmente incompatível com o de Bolívar. O resultado foi que as partes não chegaram a nenhum acordo e o que se sucedeu foi o alargamento das relações entre os países latino-americanos. O resultado beneficiou a Inglaterra por que (i) via se afastar o fantasma de uma liga americana onde uma influência da

¹³ Para BUENO e CERVO (1992, p. 37-38), havia também uma terceira: o americanismo brasileiro.

liderança ianque era temida e (ii) aproveitou o momento de *racha* entre os países latino-americanos para influenciar cada vez mais suas políticas.

Apesar de não ter sido bem sucedido, o Congresso do Panamá buscava o entendimento integracionista a fim de amenizar as consequências sócio-econômicas em que os países latino-americanos estavam dependentemente envolvidos. Séculos depois, governos populistas, como o de Hugo Chávez, na Venezuela (país natal de Bolívar), evocam o espírito do libertador americano.

Assim, o “nascimento” da esquerda pode ser entendida (mas não datada com exatidão) através de movimentos revolucionários e de personagens históricos como Bolívar, San Martín, Giuseppe Garibaldi e outros que figuraram no século XIX.

2.2. Fortalecimento: a esquerda latino-americana chega ao poder

Passaram-se várias décadas para, enfim, a esquerda (já formada como organização de embate político-ideológico e cujo plano de ação e reivindicação se diferenciava de outros grupos/correntes partidários) chegar ao poder na América Latina.

A Revolução Bolchevique que ocorreu na Rússia czarista e agrária de 1917 deu início ao primeiro governo comunista da história¹⁴ e, graças a seu caráter internacionalista envolto na questão da luta de classes, foi possível *exportar* sua ideologia que, em certa maneira e grau, se assemelhava com alguns ideais da esquerda latino-americana: luta contra o imperialismo, igualdade de direitos, auto-determinação dos povos, poder para as classes trabalhadoras e camponesas etc.

Com a criação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), o socialismo era incentivado por esta aos países que desejassem aderir à economia planificada e ao Estado forte. O incentivo além de ideológico era também material (armamento, tecnologia e dinheiro), o que atraiu ainda mais a atenção de muitos países latino-americanos. As primeiras células comunistas começam a se formar no Brasil já na década de 1920 e com a criação do Partido Comunista Brasileiro (PCB), sua atuação na esquerda brasileira foi de fundamental importância para muitos dos acontecimentos que marcaram nossa história política.

2.2.1. Cuba (1959)

No primeiro dia do ano de 1959, tropas de rebeldes revolucionários, lideradas por um advogado cubano e um ex-estudante argentino de medicina, entraram triunfantes na cidade de

¹⁴ Alguns autores atribuem esse caráter pioneiro à *Intentona Comunista*.

Havana, capital da ilha caribenha de Cuba, anunciando uma Revolução que chegara em detrimento de governos corruptos e atrelados aos interesses alheios à população local. Após a guerra de guerrilha na mitológica Sierra Maestra, estágio último da Revolução Cubana, Fidel Castro e Ernesto “Che” Guevara tratam logo de edificar as ações que tornariam marcas registradas das reivindicações esquerdistas na América Latina: reforma agrária, estatizações/nacionalizações e uma postura de não-alimento ao capital estrangeiro. De início, nem Fidel nem Che queriam vincular a Revolução Cubana ao idealismo comunista; muito pelo contrário, o próprio Fidel chegou a declarar que os seus comandados não eram “nem capitalistas, nem comunistas, mas humanistas”, ou que eles se opunham tanto à “liberdade capitalista sem pão” como “ao pão comunista sem liberdade”¹⁵. Mas isso foi antes de romperem com os EUA e se aliarem de vez à União Soviética e implantarem o socialismo do tipo soviético em solo cubano.

No caso cubano, não havia uma esquerda organizada formal e legalmente em partidos, antes da Revolução e por parte de Fidel Castro. O que ocorria era que havia organizações *parecidas* com partidos, mas que agiam de forma clandestina (vide *Movimento 26 de julho*). O fato marcante da Revolução Cubana foi que, por sua abrangência e duração, seu modelo acabou servindo de inspiração para outros, criando, assim, uma *identificação esquerdista socialista* na América Latina.

2.2.2 Guatemala, Panamá, Chile e Equador

Em 1951, sobe ao poder Jacobo Arbenz Guzmán, prometendo reforma agrária por toda Guatemala. Naquela época era uma coisa totalmente impensável, pois os governos que o antecederam foram todos alinhados com os EUA, os quais possuíam várias empresas de alimentos naquele país.

No Panamá, Omar Torrijos Herrera se tornara presidente e governara o país de 1968 a 1978. Dentre suas facetas está a renegociação do Canal do Panamá, que os EUA tanto brigavam política e economicamente.

Havia uma expectativa popular muito grande no Chile, no ano de 1970. Ocorreu eleição para Presidente da República, e o candidato Salvador Allende venceu sob discurso de repartir a riqueza do país com o próprio país. Allende montou um governo socialista. No filme preparado em homenagem ao 11 de setembro de 2001, o diretor Ken Loach produziu um documentário sobre os primeiros anos do governo Allende e de seu trágico fim, num

¹⁵ Fidel *apud* Vail (1987, p. 55).

também 11 de setembro, mas de 1973. Nele, um ator narra as expectativas de um povo sofrido e esperançoso aos “amigos” norte-americanos: “havia leite e educação para as crianças. Terras improdutivas foram dadas a camponeses sem terra. (...) Pela primeira vez na vida, as pessoas tinham dignidade. (...) Mas não sabíamos como aquilo era perigoso.”¹⁶

No Equador, depois de muitos anos de ditadura, foi eleito democraticamente um novo presidente: Jaime Roldós Aguilera com uma votação jamais vista e que prometera garantir que os recursos do país fossem usados para ajudar o povo. Seu partido era o Concentração de Forças Populares (CFP) e ele governou de 1979 a 1981.

2.2.3 Brasil (1964)

Após o Presidente Jânio Quadros renunciar ao cargo depois de sete meses de mandato, seu vice, João Goulart (Jango) assume o posto máximo da política brasileira em 1961. Seu mandato foi conturbado e ele teve que enfrentar inúmeros desafios com a direita. Mudaram o sistema de governo para o parlamentarismo a fim de limitar seus poderes. Após alguns meses, através de plebiscito, foi restabelecido o sistema presidencialista com ampla aprovação popular. Assim como ocorrera com Jânio (que condecorou Che Guevara com a medalha do Cruzeiro do Sul), Jango não era aliado ferrenho dos EUA, o que deixava a direita ultra-intrigada, uma vez que era imprescindível se alinhar com uma das duas forças da Guerra Fria. Ao final do mandato, Jango prometeu fazer várias reformas de base, como a agrária, educacional etc. O resultado é sabido de todos os brasileiros.

2.3 Morte precoce: a esquerda é tirada do poder

Com exceção de Cuba¹⁷, praticamente, todos os países que tiveram *governo de esquerda*, durante as décadas de 1950 e 1970, foram tirados do poder, em sua maioria ou totalidade por regimes ditatoriais militares, quase sempre apoiados pelos EUA, através do envio de agentes da CIA, de suas embaixadas e corporações.

Vejamos os fatos:

2.3.1 Cuba

Como dito, o governo norte-americano tentou, mas não conseguiu tirar o governo revolucionário do poder e acabou expulsando Cuba da OEA e impondo-lhe um embargo

¹⁶ LOACH (2004).

¹⁷ Mas não por falta de tentativas, vide UOL (Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2007/06/26/ult1808u95877.jhtm>. Acesso em: 07 nov. 2008.).

econômico que dura até hoje. Todavia, através de uma operação realizada pela CIA, conseguiram capturar Che Guevara nas serras bolivianas e assassiná-lo. Porém, o tiro, literalmente, saiu pela culatra: ao assassinar o homem Che, os EUA faziam nascer o mito Che¹⁸ e inflamar, ainda mais, os discursos da esquerda latino-americana.

2.3.2 Guatemala, Panamá, Chile e Equador

Na Guatemala, a luta para se fazer a Reforma Agrária encontrava um enorme obstáculo, a empresa ianque United Fruit. Sob a máxima “queremos devolver a terra para as pessoas”, o presidente Árbenz ia diretamente de encontro a interesses estrangeiros, sobretudo norte-americanos. Segundo um ex-membro da CIA, John Perkins, no documento *Zeitgeist Addendum*:

“A United Fruit não gostou muito disso, e então contratou uma empresa de relações públicas para realizar uma grande campanha nos EUA para convencer o país, o povo... os cidadãos dos EUA, a imprensa dos EUA e o Congresso dos EUA de que Árbenz era uma marionete soviética. (...) a partir dessa campanha de relações públicas surgiu um comprometimento da parte da CIA (...) de derrubar esse homem E, de fato, conseguimos! Enviamos aviões, enviamos soldados, enviamos chacais, enviamos tudo que podíamos para derrubá-lo. E conseguimos. Assim que ele deixou seu gabinete, o sujeito que o sucedeu basicamente devolveu tudo para as mãos das grandes corporações internacionais, incluindo a United Fruit”.¹⁹

Já com o Panamá, acrescenta o ex-agente, não foi diferente do que ocorrera com os outros governos socialistas:

“Ele (**Omar Torrijos**) era um homem que realmente queria ajudar seu país. Quando eu tentava suborná-lo ou corrompê-lo, ele dizia: ‘Olha, John’ – ele me chamava de Juanito – ‘Olha, Juanito, eu não preciso de dinheiro, o que eu preciso é que meu país seja tratado com justiça. Preciso que os EUA paguem as dívidas que possuem com meu país por toda a destruição que vocês

¹⁸ Para 2009 são esperados dois filmes intitulados *Che* e *Che na Guerrilha*, com atores da maior rede de televisão do Brasil e de Hollywood.

¹⁹ JOSEPH (2008).

causaram aqui. Preciso estar em uma posição onde eu possa ajudar outros países latino-americanos a se tornarem **independentes** e se libertarem desta presença terrível do norte, com a qual vocês vêm nos explorando tão terrivelmente. Preciso que o Canal do Panamá esteja de volta nas mãos do povo, é disso que eu preciso. (...) Me deixem em paz, parem de tentar me subornar’.”²⁰ (**grifo nosso**)

Resultado: em junho de 1981, ele *morreu* num acidente aéreo.

No Chile, enquanto o povo se orgulhara pelo voto, os EUA se alinhavam para conter a onda estatista chilena. Com base no filme “11 de setembro” supracitado, o ator continua:

“O secretário de Estado de vocês, Henry Kissinger, anunciou: ‘Não vemos por que deixar um país se tornar comunista devido à irresponsabilidade do seu próprio povo!’. Nossa decisão democrática, nossos votos, não eram irrelevantes. O mercado, o lucro, eram mais importantes do que a democracia. (...) O presidente de vocês, Nixon, disse que faria nossa economia gritar. Ele mandou que a CIA se envolvesse diretamente na organização de (..) um golpe de Estado. (...) Amigos, os líderes de vocês estavam decididos a nos destruir. (...) Seus dólares sustentaram um grupo neofascista que gerou violência. Incrivelmente isso não funcionou: (...) nas eleições municipais, nossa base de apoio aumentou. Então, o que os EUA fizeram? Em 11 de setembro (...), assim que clareou, tropas e tanques atacaram o palácio presidencial. Allende, seus ministros e assessores estavam lá dentro. Ele foi assassinado.”²¹

O caso do Equador foi quase semelhante: ao contrário dos que lhe antecederam, Jaime Roldós, assim que subiu ao poder, começou a redistribuir a riqueza oriunda do petróleo ao povo. É claro que os tradicionais compradores de hidrocarbonetos, os EUA, não concordaram com tal política. O ex-agente John Perkins continua:

“Fui enviado com outros assassinos econômicos²² para ‘dar um jeito’ em Roldós, para corrompê-lo, cercá-lo. Para dizer-lhe ‘bem, você sabe, você e sua família podem

²⁰ JOSEPH (2008).

²¹ Idem.

²² *Assassinos econômicos* é o termo utilizado durante o filme *Zeitgeist Addendum* para designar agentes ou pessoas ligadas à CIA, enviadas para subornar grandes autoridades de determinado país que não se alinhavam aos interesses ianques.

ficar muito ricos se você jogar nosso jogo, mas se você continuar com essas políticas, promessas... você vai ter que sair'. Ele não quis nos ouvir. Ele foi assassinado. (...) Quando começaram uma investigação, duas das testemunhas-chave morreram em acidentes de carro antes de dar depoimento. (...) Ele não era corrupto, ele não se deixava corromper da forma que queríamos.”²³

2.3.3 Brasil²⁴

A direita, formada em sua maioria pela elite e por militares, via as atitudes do presidente eleito democraticamente Jango como de extrema esquerda. Para impedir um suposto governo que tendia ao socialismo, resolveu, em 1964, fazer um Golpe de Estado.

Segundo o General Leônidas Pires Gonçalves (Ministro do Exército 1985-1990, no Governo Sarney): “A partir (...) de 35, nós ficamos sob esse impacto da ação comunista. Essa ação comunista foi crescendo... A partir de 61, depois que Jango assumiu o Governo (...), ele foi envolvido pela esquerda. Foi envolvido pelos sindicalistas e por aquela gente toda”²⁵.

Consequências desse período: combate aos *subversivos*: comunistas, socialistas, anarquistas, estudantes da UNE, ou seja, à esquerda política e intelectual que tentava expressar sua opinião contra aquela Ditadura, bem como cidadãos em geral.

Existiram outros exemplos de países cujos governos eram de *esquerda* e que sofreram praticamente as mesmas práticas supracitadas.

Aglutinando essas “derrotas” da esquerda ao colapso, em 1991, do comunismo no Leste Europeu e à queda do Império Soviético, restava a seguinte indagação: chegara, então, o fim precoce da *esquerda* na América Latina?

3. Uma nova velha esquerda?

Segundo Galeano (1988, p. 13), há dois lados na divisão internacional do trabalho: um em que alguns países especializaram-se em ganhar, e outro em que se especializaram em perder. A América Latina foi precoce: especializou-se em perder. Tal afirmação só válida se

²³ JOSEPH (2008).

²⁴ Para mais detalhes acerca do Golpe Militar de 1964, vide episódio 6 (*Regime Militar*) do documentário “História do Brasil por Boris Fausto”, produzido pela TV Cultura.

²⁵ História do poder, episódio 2.

levarmos em conta que tal especialização só ocorreu por que os países latino-americanos foram subjugados, ao longo de sua história, por: falta de articulação mútua ante a ameaça exterior; falta de mão-de-obra especializada e de tecnológica que permitissem fazer frente ao neo-colonialismo; falta de organização militar e tecnologia devida aos capacetes de latão e armas de sucata que fomos fadados a adquirir, dentre outros fatores *sine qua non* jugo latino-americano. Mas o fato é que nossas *faltas* sempre estiveram atreladas à abundância dos outros. Só é possível, como havíamos dito, compreender a dependência que foi a história latino-americana e de sua *esquerda* se compreendermos o processo contraditório que é o capitalismo. Mais uma vez citamos Galeano quanto a este respeito: “Nossa derrota esteve sempre implícita na vitória alheia, nossa riqueza gerou sempre a nossa pobreza para alimentar a prosperidade dos outros. (...) Na alquimia colonial e neo-colonial, o ouro se transforma em sucata e os alimentos se convertem em veneno”²⁶ e acrescenta: “a deusa tecnologia não fala espanhol”²⁷.

Devemos nossa inferioridade à superioridade dos outros, costumam assegurar teóricos reformistas da Dependência. Mas essa máxima só poderia ser desfeita a partir do momento em que se tomassem as rédeas da América Latina e domassem os maus interno e externo: somente a partir do momento em que os governos percebessem que o ciclo vicioso e sobrepujante ao capital estrangeiro e às grandes corporações não lhes ofereceria outro *bem* senão a dependência crônica. Até mesmo os militares brasileiros, à época da Ditadura, erraram nos cálculos ao permitir o acesso facilitado do capital estrangeiro em terras tupiniquins a fim de desenvolver nossos Departamentos econômicos; pobre erro: o tripé de sustentação orientado pelo Estado era formado por empresas privadas nacionais, empresas estatais e empresas privadas estrangeiras. Observando o que havia acontecido com os governos de *esquerda*, o da *direita* brasileiro não levaram em conta todo o processo histórico latino-americano e não souberam perceber que o tiro acertou o próprio coturno. Logo, se tornou deveras fácil perceber para onde o tripé tendeu e quem realmente fazia a política *desenvolvimentista*.

Porém, um novo movimento eclodiu no cenário latino-americano, durante os anos 1990 e 2000: governos provenientes de diversos setores da sociedade, inclusive do militar e

²⁶ GALENANO (1988, p. 14).

²⁷ Idem, p. 262.

religioso, cujas bandeiras lembravam a luta constante do povo por acesso às riquezas de sua própria terra, chegavam ao poder.

Novas figuras emergiram na América Latina com discursos que lembravam seus antepassados políticos, são eles: Hugo Chávez, Evo Morales, Lula, Rafael Correa, dentre outros.

Seriam eles componentes idiossincráticos de uma nova esquerda ou apenas releituras – algumas extrovertidas – de antigos “libertadores da América”²⁸ e dos governos de décadas anteriores?

Acreditamos que há uma mescla das duas partes. Porém e sobretudo, uma parte maior se sobressai: a do quesito *novo*. As lutas que esses novos líderes latino-americanos travaram e travam contra as forças reacionárias e conservadoras do *status quo* são de proporções gigantescas. A América Latina em toda a sua história foi cobiçada não por causa do seu povo acolhedor e receptivo, não pelas belezas naturais que propiciam uma *paz interior* e, muito menos, por causa do seu espírito fraternal; ela sempre despertou cobiça e ganância por pequena, mas influente e poderosa, parte das sociedades e, sobretudo como vimos, do estrangeiro (sempre limitados por suas explorações econômicas internas).

Esse *novo* na *nova esquerda* latino-americana é pautado não somente na luta pelos interesses da nação e, até mesmo, por um nacionalismo exacerbado; isso já ocorria tempos atrás. Essa nova esquerda, que veste farda militar, saia, roupas indígenas etc., está preocupada em criar mecanismo que não foram pensados no passado e que, quando assim o foram, não puderam ser postos em prática.

A integração regional é o que mais anda nas pautas de política externa desses novos governos. Essa integração não é mais construída sob clamores populares ou idealismos que beiram a utopia; ela é moldada por tratados pautados no Direito Internacional e em visões mais realistas do funcionamento do sistema internacional e, logicamente, das relações internacionais. O resultado dos anseios populares por um fortalecimento da América Latina²⁹ é refletido nos vários tratados bi e multilaterais entre países latino-americanos. São exemplos dessa política integracionista: Banco do Sul, proposta de criação³⁰ do Conselho de Defesa

²⁸ Interessante notar que a maior competição de futebol das Américas leva este mesmo nome em homenagem às principais figuras do movimento bolivariano do séc. XIX.

²⁹ Analisando alguns fatos e declarações de políticos, sobretudo dos parlamentares que compõem o Parlasur, o Parlamento do MERCOSUL, percebemos que, no Brasil, há pouco interesse da maioria da população sobre o tema “integração”. Isto é mais, comumente, visto em países de fala espanhola e onde os movimentos sociais e os grupos de interesses pulsam no coração administrativo do governo.

³⁰ Encabeçada pelo Ministro da Defesa brasileira Nelson Jobim.

Sul-americano, MERCOSUL e suas políticas integracionistas (como construção de Universidade dos países-membros), PARLASUL, a criação e manutenção da TELESUR³¹ etc.

Um exemplo mais prático acerca dessa *nova* esquerda é a conscientização do papel revolucionário da tecnologia. Che Guevara, em 1959, já proclamava:

“Temos que estar preparados para não depender das boas relações com ninguém. E para isso é preciso estudar... é preciso se preparar porque sem nenhuma base tecnológica adequada os esforços, mesmo que sejam grandes ou heróicos, não nos permitem ir adiante com a velocidade suficiente”³².

Um resultado prático dessa atenção dada pelos governos de *esquerda* é a criação da TELESUR. A rede de televisão que visa proporcionar uma maior integração entre as culturas e povos latino-americanos tem representações em diversos países como Brasil, Venezuela, Bolívia, México, Argentina, EUA e outros. É uma demonstração viva de que a América Latina deve lutar contra o imperialismo com armas cada vez mais sofisticadas e inteligentes. E uma dessas armas é a mídia. Dentre os membros que compõem a TELESUR, destacamos a participação do programador norte-americano Richard Stallman, fundador do Projeto GNU³³, e que está transportando a filosofia do *Software Livre* para os países latino-americanos.

Um personagem de destaque nessa nova roupagem da *esquerda* latino-americana é o presidente venezuelano Hugo Chávez. Extrovertido e de posicionamento firme contra o imperialismo yanque, Chávez tomou para si a tarefa não cumprida de Simon Bolívar e, através da República Bolivariana da Venezuela, tenta pôr em prática projetos sociais e daquilo que o embaixador da Venezuela no Brasil, Julio García Montoya³⁴, chama de *doctrina Del Socialismo de Estado*, que segundo ele é “*un sistema político de democracia participativa (...) fundamentalmente en que la rentabilidad de las empresas está al servicio de lo social no del capital*”³⁵. Tal política permitiu ao presidente Hugo Chávez algo, até então, inédito na história

³¹ Para uma melhor compreensão da TELESUR em diversos pontos e sob uma análise antropológica, vide NOGUEIRA (2006) e NOGUEIRA (2007).

³² MASSARI, 1996.

³³ O Projeto GNU (*GNU's Not Unix*) foi criado por Stallman quando o mesmo pediu demissão dos laboratórios do MIT e resolveu se engajar na produção e propagação da filosofia do movimento *Software Livre*, que se baseia na criação de programas de computadores que podem ser baixados, editados e redistribuídos entre as pessoas, livremente e sem nenhum custo. O maior exemplo dessa filosofia é o sistema operacional GNU/Linux.

³⁴ Fica aqui nosso agradecimento ao embaixador Montoya, que, quando em visita a João Pessoa em 2008, respondeu gentilmente perguntas de alguns alunos do *Grupo de Pesquisa sobre a TELESUR*, do curso de Relações Internacionais da UEPB.

³⁵ VenBras, 2008.

da América Latina: malograr um Golpe de Estado cujas forças de *direita* foram financiadas pelo capital norte-americano³⁶. Tal episódio, como dito, só foi possível graças a algumas mudanças que, em três anos de mandato³⁷, a Venezuela sofreu: conscientização da população³⁸ quanto a seu papel participativo na política nacional, estatização de setores importantes da economia Venezuela, como a petrolífera, e fazer com que a riqueza produzida dentro do Estado da Venezuela não deixasse seus limites e fosse reinvestida no próprio país. Além, é claro, de fortalecer o complexo militar e a comunicação de massa, fatores esses que foram imprescindíveis para que os Golpes anteriores em outros países fossem bem sucedidos.

Quanto à questão da TV na Venezuela, por exemplo, o repórter da TV Record Rodrigo Vianna, em entrevista a Paulo Henrique Amorim, declarou que a "TV na Venezuela é mais plural que no Brasil"³⁹.

O filme *A revolução não será televisionada* demonstra claramente o papel dos meios de comunicação de massa na formação da opinião pública e como esses, sob manipulação, se tornaram armas poderosas a serviço dos golpistas. Dois irlandeses que estavam, à época do Golpe de 2002, fazendo filmagens sobre Hugo Chávez e capturaram também os principais episódios que antecederam e sucederam o Golpe de Estado e que foi suplantado literalmente pela população e por setores leais ao presidente e à Constituição da República Bolivariana da Venezuela. Durante o filme, pudemos captar mensagens interessantes que demonstram algumas de nossas posições neste artigo:

“Aqui na Venezuela, como em toda a América Latina, vinha galopando o projeto do neo-liberalismo selvagem... de que há uma mão invisível no mercado que tudo regula. Mentira! Claro que há alternativas e na Venezuela estamos provando”

Presidente Hugo Chávez: “(...) por que a riqueza da Venezuela é de todos e não de uma minoria”.

Repórter da CNN: “O governo Chávez foi **controverso** desde o início. Ele [é] amigo íntimo de Fidel Castro” (**grifo nosso**).

³⁶ Algo muito semelhante ocorreu na Bolívia, no segundo semestre do corrente ano, quando forças dos governos das Províncias mais ricas, com o auxílio do embaixador norte-americano, promoveram revoltas por parte de movimentos neo-fascistas e setores mais conservadores da sociedade. O resultado foi a expulsão dos embaixadores dos EUA na Bolívia e na Venezuela.

³⁷ Chávez foi eleito pela primeira vez em 1998

³⁸ Sobretudo das classes mais baixas, que correspondiam a 80% da população.

³⁹ CONTEE. Disponível em: <http://www.contee.org.br/noticias/msoc/nmsoc129.asp>. Acesso em: 08 nov. 2008.

Representante da Casa Branca em entrevista coletiva: “O Presidente Chávez governou de forma **controversa** sem o apoio popular dentro da Venezuela” (**grifo nosso**).

Repórter norte-americano após o Golpe de 11 de abril de 2002 e que durou menos de dois dias: “(...) levou ao fim de uma greve de produção de **petróleo, dando esperanças aos EUA** que um novo governo vai estabilizar a indústria de petróleo da Venezuela”. (**grifo nossos**).

Em abril de 2002, antes do Golpe, o Diretor da CIA, George Tenet, em entrevista ao vivo, solta: “É claro que **a Venezuela é importante porque já é o terceiro maior produtor de petróleo do mundo**. Eu diria que **o Sr. Chavez** – e o departamento de Estado estaria de acordo – **não tem considerado os interesses dos EUA**”.

E a mais estarrecedora de todas, feita pelo Secretário de Defesa ianque, à época, Colin Powell: “**Nos inquieta** algumas ações do presidente venezuelano Hugo Chávez e **seu entendimento de como o sistema democrático deveria ser**” (**grifos nossos**).

Não queremos defender a posição de nenhum dos lados, afinal as posições de cada Estado dizem respeito a cada Estado, porém, fica, pelo menos para nós, evidente que *forças conservadoras* continuam agindo na América Latina, mas é notório também a antecedência que muitos países, sobretudo os ditos/tidos como de esquerda, estão lidando com elas.

4. Considerações finais

Existe sim uma nova esquerda e que surgiu nos anos 1990 e 2000. Porém essa nova esquerda traz semelhanças e melhorias em relação às anteriores. O leitor concorda?

“O fato de não estarmos de acordo é o de menos”,⁴⁰

5. Referências bibliográficas

11 de setembro. Direção: Ken Loach, Sean Penn e outros, 2004. 1 DVD (128 min), widescreen, color. 11 diretores consagrados foram convidados para fazer um filme sobre a tragédia, e realizaram 11 filmes de 11 minutos cada.

⁴⁰ Che *apud* MASSARI (1996).

A REVOLUÇÃO não será televisionada. Direção: Kim Bartley e Donnacha Ó Briain. Produção: Power Pictures, 2002. 1 arquivo eletrônico de vídeo (75 min), widescreen, color. Disponível em: <<http://www.chavezthefilm.com>>. Acesso em: 01 dez. 2007.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **Crise e renovação da esquerda na América Latina**. Revista Lua Nova, n. 21, p.41-54, 1990.

BUENO, Clodoaldo; CERVO, Amado L. **História da Política Exterior do Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

ERNESTO Che Guevara: homem, companheiro, amigo. Direção: Roberto Massari. Produção: Erre Emme, 1996. 1 DVD (105 min), widescreen, color. Produção italo-cubana.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Tradução de Galeno de Freitas. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LIMA, Andrea Lucia de S. **A ascensão dos governos de esquerda na América Latina no século XXI**. Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos2/ascencao-governos-esquerda/ascencao-governos-esquerda.shtml>>. Acesso em: 07 nov. 2008. Monografia apresentada ao Curso de Relações Internacionais do Centro Universitário Vila Velha.

MIGLIACCIO, Luciano. Garibaldi: o timoneiro da liberdade. **História Viva**, São Paulo, ano 5, n. 52, p. 22-27, [jan.-fev.] 2006-08.

NANDA, Serena, WARMS, Richard L. Social Stratification in Contemporary Societies: Class, Castle, and Race. In: _____. **Cultural Anthropology**. 8. ed. Belmont: Wadsworth, 2004.

NOGUEIRA, Silvia G. **Telesur**: um estudo antropológico sobre práticas e os ideais integracionistas da rede latino-americana de comunicação. Rio de Janeiro, 2006.

NOGUEIRA, Silvia G. **Entre a “pluralidade de vozes” e os ideais integracionistas**: uma breve análise da rede de comunicação Telesur. [s.l.], 2007. Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, em Porto Seguro, Bahia.

SCHELP, Diogo. Entrevista Demétrio Magnoli. **Veja**, São Paulo: Abril, ano 41, n. 44, p. 17-21, nov. 2008.

VAIL, John J. **Fidel Castro**. São Paulo: Nova Cultura, 1988.

VENBRAS REVISTA DA CÂMARA VENEZUELANA-BRASILEIRA DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA. São Paulo: [s.n.], 2008. Bimestral.

WIKIPEDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em: 04 jun. 2008.

ZEITGEIST Addendum. Dirigido por: Peter Joseph. Produzido por: Peter Joseph, 2008. 1 arquivo eletrônico de vídeo (123 min), widescreen, color. Disponível em: <<http://www.thezeitgeistmovement.com>>. Acesso em: 28 out. 2008.